

Felizardo preto ou branco



Por **ERALDO SOUZA DOS SANTOS***

Comentário sobre a montagem de “Esperando Godot” do Teatro Oficina

Neste domingo passado, 8 de dezembro, ocorre a última encenação de *Esperando Godot* no Teatro Carlos Gomes, no centro do Rio de Janeiro. Última peça dirigida por José Celso Martinez Corrêa antes de sua morte trágica em julho de 2023, o *Godot* do Teatro Oficina atualiza o de Samuel Beckett face aos absurdos do presente.

Tamanha é a força interpretativa de Ricardo Bittencourt, no papel de Pozzo, e de Roderick Himeros, no papel de Felizardo (Lucky, no original de Beckett), sobretudo no primeiro ato, que Alexandre Borges e Marcelo Drummond, mais conhecidos do público, ficam eclipsados.

A peça deixa entrever em seus momentos mais interessantes referências à persistência de estruturas socioeconômicas do Brasil colonial e, talvez, para usar o conceito de Saidiya Hartman, da [sobrevivência da escravidão](#) no país. Vladimir lembra a Estragão que eles já trabalharam numa plantação de cana; o Mensageiro, preto, sugere que vive numa senzala na fazenda de Godot, que regularmente agride seu irmão; Pozzo vive numa Casa Grande. A representação de Felizardo, “escravo” no original de Beckett, com uma mochila de entregador de aplicativo vermelha nas costas liga a precariedade da profissão e a expansão de empresas como iFood a uma nova forma de escravidão.

Himeros é um ator extraordinário, mas não consegui deixar de me perguntar durante as três horas de peça, como mero experimento especulativo e para além da questão da representatividade, o que mudaria na concepção e na recepção da obra caso a atriz ou ator que representa o “escravo” Felizardo fosse preta ou preto. O que mudaria se, na próxima – terceira – versão do *Godot* do Oficina, todos os horrores que vemos Felizardo sofrer no primeiro ato, e que provavelmente levam à sua mudez no segundo, fossem os horrores que caracterizam a vida dos pretos neste país?

É possível que muitos pretos não conseguissem suportar – e não sei se eu conseguiria suportar – ver uma pessoa preta em cena sofrendo as humilhações e violências que sofre Felizardo na peça. E não sei, sinceramente, se um Felizardo preto não seria eventualmente catártico para a audiência branca, grande parte da qual contribui para a reprodução das humilhações e violências sofridas por milhões que de felizardos e felizardas não têm nada, mas finge que não é com ela. Muito possivelmente, o sofrimento preto viraria espetáculo, como sempre e mais uma vez, em vão.

Felizardo preto ou branco, a peça, em sua forma atual, conforta apesar das suas boas intenções aqueles que se consideram parte do campo progressista: a referência à Palestina, a Brumadinho e à catástrofe ambiental no Rio Grande do Sul, assim como as piadas sobre a COVID-19 e a incapacidade de pensar dos “bolsominions”, não chocam quem já chegou até o teatro conhecendo o Teatro Oficina.

As referências à escravidão, nesse sentido, muito provavelmente também não chocam uma elite que já investiu devidamente seu dinheiro em manuais antirracistas e, igualmente, no ingresso para a peça. Para essa parte do campo

progressista, um Felizardo preto não significaria absolutamente nada.

Apesar do conforto que proporciona às elites, a peça possui uma profundida crítica que só poderíamos ignorar por nossa própria conta em risco. Mesmo cego, Pozzo continua sendo capaz de escravizar Felizardo; mesmo após a morte de Godot pelas mãos de Exu, o Mensageiro preto continua a exercer seu papel de mensageiro (em nome de quem?); Didi e Gogo aparentemente se suicidam ao fim, o que não muda a ordem do mundo, mas a confirma.

A grande força da obra em sua versão [afro-antropofágica](#) consiste talvez em retrazer à cena a persistência do trabalho forçado e da escravização - não a sobrevida, mas a "vida" da escravização: oferecendo, assim, uma refutação poderosa a uma teoria e a um conceito que nos convidam a ver na escravização um zumbi quando se trata, no fundo, de uma velha conhecida, muito viva, obrigada.

***Eraldo Souza dos Santos** é pós-doutorando em filosofia na Universidade de Cornell.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)